

AS MÚSICAS BRASILEIRAS MAIS TOCADAS NO SPOTIFY: MANIPULAÇÃO DA EXPERIÊNCIA ESTÉTICA PELOS ALGORITMOS DA INDÚSTRIA CULTURAL 4.0

Benjamin Felipe Cota Villa Real ¹

Pedro Henrique Ucceli Ludovico ²

Meida Gonçalves Valadão Machado ³

Anthony Altoé Duarte ⁴

Murilo de Oliveira Belchior ⁵

Emerson Campos Gonçalves ⁶

RESUMO

Se é verdade que a mensagem se ajusta ao meio, até que ponto podemos dizer que a Indústria Cultural 4.0, marcada pelo predomínio dos algoritmos das redes sociais *online*, modifica a experiência estética de cada indivíduo com a música? A hipótese investigada nesta pesquisa é que essa realidade surge na esteira de uma dessensibilização estética, onde a capacidade de elaboração é transferida de antemão para os algoritmos, que moldam a própria composição musical em conformidade com as redes. A pesquisa foi conduzida a partir de uma hermenêutica baseada na crítica negativa de Theodor W. Adorno e investigou aspectos estéticos e éticos nas músicas brasileiras mais tocadas na plataforma Spotify (2019 a 2023). Entre os principais resultados está a tendência de redução nas complexidades estéticas e éticas no período analisado, o que indica uma acentuação do processo semiformativo na sociedade hodierna.

Palavras-chave: música, estética, indústria cultural, streaming.

INTRODUÇÃO

Se, como diz Benjamin, na pintura e na escultura a linguagem muda das coisas surge traduzida para outra superior, mas semelhante, então *pode admitir-se, relativamente à música, que ela salva o nome como puro som - mas à custa de o separar das coisas* (ADORNO, 1993, p. 216, grifo nosso).

¹ Bacharel em Música pela Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). Graduando do Curso de Licenciatura em Música na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), benjamincotavilla.real@gmail.com;

² Graduando do Curso de Licenciatura em Música na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), bolsista de Iniciação Científica Fapes, ph.pedroludovico@gmail.com;

³ Graduando do Curso de Licenciatura em Música na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), bolsista de Iniciação Científica Fapes, machadoggg648@gmail.com;

⁴ Graduando do Curso de Bacharelado em Música na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), anthonyaltoe@gmail.com;

⁵ Graduando do Curso de Licenciatura em Música na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), murilobelchior15@gmail.com;

⁶ Professor orientador. Pós-Doutor em Letras (PPGL/Ufes), Doutor em Educação (PPGE/Ufes), Mestre em Estudos de Linguagens (Posling/Cefet-MG), Bacharel em Comunicação Social/Jornalismo (PUC Minas) e Licenciado em Letras/Português (Ifes/UaB). Professor Permanente no PósCom/Ufes e professor titular na Faculdade de Música do Espírito Santo (Fames), emerson.goncalves@fames.es.gov.br.

O caráter sublime reservado à música, enquanto exemplo e possibilidade de arte autêntica, fez com que Theodor W. Adorno, em diferentes momentos de sua escrita, revelasse um certo olhar melancólico – para muitos, duro demais ou até mesmo preconceituoso – com as produções da primeira metade do século XX, direcionando o seu descontentamento, sobremaneira, às análises sobre o *jazz*. De certa forma, para além das questões ligadas à técnica composicional e à racionalização da música no mundo moderno, bem ilustradas pelo próprio autor a partir do choque entre Schoenberg e Stravinski em sua *Philosophie der neuen Musik*, o incômodo do filósofo está na apropriação dessa linguagem artística pela Indústria Cultural, que, no melhor estilo fordista, cuidou de garantir que faixas sonoras fossem moldadas e [re]produzidas em conformidade com o público consumidor e as rádios. Em outras palavras, ao mirar os gêneros ditos ‘populares’ e as composições em sua singularidade, *separados das coisas*, Adorno discutia, sobremaneira, as consequências do avanço da indústria da cultura sobre a formação ética e estética da sociedade.

Esta pesquisa se coloca no mesmo panorama crítico traçado por Adorno. Logo, ainda reconhecendo que, ora ou outra, a discussão inevitavelmente perpassasse uma análise sobre a qualidade e/ou complexidade dos gêneros e composições que figuram entre as músicas brasileiras mais tocadas na contemporaneidade, esta investigação busca, prioritariamente, verificar como e em qual medida as experiências estéticas de cada indivíduo com a música são modificadas pela Indústria Cultural 4.0. A hipótese é que esse novo modelo, onde as possibilidades de escolha são, paradoxalmente, singularizadas e limitadas pelos algoritmos das redes sociais *online*, surge na esteira de uma dessensibilização estética, onde a capacidade de elaboração é transferida de antemão para esses algoritmos, que moldam a própria composição musical em conformidade com a expectativa das redes – ao fim e ao cabo, a expectativa dos operadores do capital.

Para a realização da investigação proposta, conduzida a partir de uma hermenêutica pautada na crítica negativa de Theodor W. Adorno, foram selecionadas as 25 músicas nacionais mais tocadas no Brasil nos últimos cinco anos dentro da plataforma de streaming *Spotify*, sendo selecionadas, portanto, cinco músicas por ano, entre 2019 e 2023. Foram observados aspectos éticos (conteúdo) e estéticos (forma) a fim de evidenciar contradições e transformações presentes nas músicas mais consumidas pelo público brasileiro na atualidade.

DESENVOLVIMENTO

Para estruturar melhor a análise proposta, optou-se por organizar este trabalho em três movimentos metodológicos principais, a saber: i) revisão bibliográfica sobre as transformações sofridas pelas músicas nas plataformas de *streaming*; ii) análise crítico-hermenêutica das músicas selecionadas considerando aspectos estéticos e éticos; e iii) discussão teórica das observações a partir da obra Dialética do Esclarecimento, de Adorno e Horkheimer. Neste resumo, descreve-se, sobremaneira, as observações dos dois últimos movimentos.

A análise supracitada levou em consideração as 25 músicas nacionais mais tocadas no Brasil nos últimos cinco anos dentro da plataforma de streaming *Spotify*, sendo selecionadas, portanto, cinco músicas por ano, entre 2019 e 2023, conforme apresentado na tabela abaixo:

Tabela 1. Lista de músicas mais tocadas no Spotify.

Elaboração própria a partir de dados do Spotify.

2019	2020	2021	2022	2023
1. Vou Ter Que Superar (Ao Vivo) - Marília Mendonça, Matheus & Kauan;	1. Liberdade Provisória - Henrique & Juliano; 2. A Gente Fez Amor - Ao Vivo - Gusttavo Lima; 3. Solteiro Não Trai (Ao Vivo) - Gustavo Mioto; 4. Cem Mil (Ao Vivo) - Gusttavo Lima; 5. Tijolão (Ao Vivo) - Jorge & Mateus.	1. Batom de Cereja - Ao Vivo - Israel & Rodolfo; 2. Facas - Ao Vivo - Diego & Victor Hugo; 3. Graveto - Ao Vivo - Marília Mendonça; 4. Volta por Baixo (Ao Vivo) - Henrique & Juliano; 5. S de Saudade - Luíza & Maurílio, Zé Neto & Cristiano.	1. Mal Feito - Ao Vivo - Hugo & Guilherme; 2. Malvadão 3 - Xamã; 3. Vai Lá Em Casa Hoje - George Henrique & Rodrigo; 4. Meu Pedaço de Pecado - João Gomes; 5. Baby Me Atende - Matheus Fernandes.	1. Nossa Quadro - Ana Castela; 2. Leão - Marília Mendonça; 3. Erro Gostoso - Simone Mendes; 4. Bombonzinho - Israel & Rodolffo e Ana Castela; 5. Seu Brilho Sumiu - Israel & Rodolffo e Mari Fernandez.

Conforme mencionado, todas as músicas foram analisadas no que diz respeito ao seu aspecto *estético*, onde foram observadas duração, repetição de acordes, escolha do gênero musical, complexidade dos arranjos, repetição de versos e relação com refrão; e *ético*, sendo observados tema central e tópicos sociais abordados, vozes explícitas e implícitas presentes na letra da música, características dos enunciadores e relações com o contexto de enunciação.

No que diz respeito ao aspecto estético, chama a atenção a grande prevalência de músicas ligadas e/ou diretamente inserida dentro do gênero sertanejo entre as mais tocadas. Entre as 25 músicas analisadas, 23 podem ser enquadradas dentro do gênero, o que representa mais de 90% das músicas mais tocadas no período de 2019 a 2024. Outro dado que chama a atenção em relação às escolhas estéticas diz respeito à organização harmônica e a duração das músicas. Embora o recorte observado seja referente a um período significativamente curto (cinco anos), é possível verificar que as músicas mais tocadas de 2023 possuem uma menor variedade sonora quando comparadas com os anos anteriores: enquanto, em 2019, quatro das cinco músicas analisadas ultrapassam os três minutos,

possuindo uma variação maior de acordes, em 2022 e 2023 as músicas se tornam extremamente curtas, e passam a contar com uma estrutura mais simples, com menos acordes, repetindo por três ou quatro vezes refrões que caberiam em 30 segundos, como é o caso da música *Dançarina*, do artista Pedro Sampaio.

Para a primeira observação (de predomínio do gênero sertanejo), a hipótese é de que existe um amplo domínio financeiro dentro do mercado musical dos agentes da Indústria da Cultura que operam o setor, fazendo com que exista um consumo que, em uma análise mais ligeira, pode sugerir uma hegemonia quase que espontânea dessas músicas. No que diz respeito à simplificação estética das músicas, toma-se como hipótese que a ascensão de redes sociais como o TikTok e os stories do Instagram, que passaram a fragmentar a nossa atenção em recortes brevíssimos de tempo (de 15 ou 30 segundos) é a principal explicação para a tentativa de compatibilizar as canções dentro de recortes de 30 segundos (como é o caso da música citada). Isso é, para fazer “sucesso” é necessário caber no espaço de um post do TikTok.

Essa mesma lógica se estende para a análise ética. O amplo predomínio de um único gênero musical, com temas que sempre orbitam relacionamentos amorosos, traições, términos e uma constante busca de satisfação a partir do domínio do corpo do outro, balizando todas as relações sociais pela necessidade de encontrar um par, serve de muleta para uma visão de mundo extremamente recortada e descolada da realidade. Nessas músicas, a voz predominante quase sempre é a voz de uma pessoa em sofrimento, que culpabiliza o outro pelo seu destino. Não obstante, os temas abordam questões que mostram uma visão misógina de mundo, uma vez que, na maior parte das músicas, as vozes masculinas tratam o corpo feminino como sua propriedade, ao passo que as vozes femininas tratam o corpo masculino como a solução para os seus problemas, como ilustra a música *Todo mundo vai sofrer*, da cantora Marília Mendonça: “Igual eu preciso dele na minha vida / Mas quanto mais eu vou atrás, mais ele pisa”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/CONCLUSÃO

As breves observações descritas no tópico anterior corroboram a atualidade da teoria proposta por Theodor W. Adorno e Max Horkheimer, em 1947, quando publicaram a primeira edição de Dialética do Esclarecimento, sobretudo no que diz respeito à manipulação da

estética pela Indústria da Cultura, que usurpa aquilo que, em outro momento, seria próprio do esquematismo do indivíduo, imputando em cada um a sua própria visão.

Em seu lazer, as pessoas devem se orientar por essa unidade que caracteriza a produção. A função que o esquematismo kantiano ainda atribuía ao sujeito, a saber, referir de antemão a multiplicidade sensível aos conceitos fundamentais, é tomada ao sujeito pela indústria. O esquematismo é o primeiro serviço prestado por ela ao cliente. [...] Para o consumidor, não há nada mais a classificar que não tenha sido antecipado no esquematismo da produção (ADORNO; HORKHEIMER, 1985, p. 59).

A grande diferença trazida pelas plataformas de streaming – que aqui apontamos como uma verão 4.0 da Indústria Cultural – é que a aparente opção de escolha (uma vez que cada indivíduo tem a “liberdade de escolher” seu percurso de navegação e suas próprias músicas) coloca uma nova camada de alienação no processo, uma vez que o simulacro de decisão criado pelos algoritmos torna-se um “mito” ainda mais difícil de ser desvelado, a despeito da permanência das mesmas estratégias de alienação das massas.

REFERÊNCIAS

- ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento:** fragmentos filosóficos. Tradução de: Guido A. de Almeida. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1985.
- ADORNO, Theodor W. **Filosofia da nova música.** Tradução de: Magda França. São Paulo: Perspectiva, 1989.
- ADORNO, Theodor W. **Minima moralia:** reflexões a partir da vida danificada. Tradução de: Luiz Eduardo Bica. 2. ed. São Paulo: Ática, 1993.
- ADORNO, Theodor W. O ensaio como forma. In: **Notas de literatura I.** Tradução de: Jorge de Almeida. São Paulo: Editora 34, 2003.